

## O cinema como vivência dos direitos humanos na escola<sup>1</sup>

Gabriela Machado Ramos de ALMEIDA<sup>2</sup>  
Ana Maria ACKER<sup>3</sup>  
Universidade Luterana do Brasil, Canoas, RS

### Resumo

O artigo apresenta um relato do projeto de extensão *Cine Diversidade*, do curso de Jornalismo da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), em Canoas/RS. Realizado em parceria com escolas públicas do município, envolve ações em duas frentes: um cineclub e uma formação teórico-prática em audiovisual centrada no documentário, oferecida a um grupo de 30 alunos do ensino fundamental. As atividades têm como temas transversais os direitos humanos e a diversidade e promovem a abordagem destes assuntos por meio do cinema. O projeto tem como objetivos utilizar o cinema como via de contato com a alteridade e pensá-lo como ferramenta pedagógica para além da ilustração de conteúdos didáticos, tomando-o como dispositivo que permite sensibilizar os estudantes, refinar o seu olhar em relação à comunidade que os cerca e incentivá-los a atuar crítica e criativamente no mundo.

**Palavras-chave:** Cinema; Educação; Direitos Humanos; Diversidade; Comunicação.

### 1. INTRODUÇÃO

A discussão sobre diversidade ganhou importância na última década no sistema de ensino brasileiro em função das Leis 10639/2003 e 11645/2008, que estabelecem a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Indígena na Educação Básica, bem como em função das Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos. Na educação básica, especificamente, as Diretrizes Curriculares Nacionais (2013), afirmam o direito à diferença de modo tão fundamental quanto os direitos civis, políticos e sociais. Isso significa que há uma clara tentativa, no nível das políticas públicas que regem a educação no país, de promover o respeito à diferença por meio do que se

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e professora dos cursos de Jornalismo e Produção Audiovisual da ULBRA. E-mail: [gabriela.mralmeida@gmail.com](mailto:gabriela.mralmeida@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutoranda em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e professora do curso de Jornalismo da ULBRA. E-mail: [ana\\_acker@yahoo.com.br](mailto:ana_acker@yahoo.com.br).

considera uma “educação multicultural” (BRASIL, 2003, p. 105)<sup>4</sup>. Essas medidas promoveram ações de valorização das questões relativas a temas como raça, etnia e direitos humanos nas escolas. No entanto, apesar de toda a discussão que se tem sobre estes assuntos - inclusive a respeito do pleno cumprimento das leis - pouco se sabe, de forma sistematizada, sobre a percepção dos próprios estudantes em relação a estes temas.

Para dar vazão a estes assuntos no âmbito universitário e também na comunidade escolar de Canoas, município onde está sediada a Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), o projeto de extensão *Cine Diversidade* foi criado pela coordenação do curso de Jornalismo da instituição com dois objetivos principais: utilizar o cinema para intensificar a discussão sobre direitos humanos, diversidade e diferença nas escolas e na própria universidade, e proporcionar a estudantes da rede pública de ensino da cidade a oportunidade de apresentar sua visão por meio da realização de documentários com este mesmo recorte temático transversal do projeto. Para além da defesa do cinema como ferramenta pedagógica que serve à ilustração de conteúdos didáticos, o projeto pensa o audiovisual enquanto dispositivo que permite sensibilizar os estudantes oferecendo-lhes repertório, refinar o seu olhar em relação à comunidade que os cerca e incentivá-los a atuar crítica e criativamente no mundo.

Parte-se de um entendimento, conforme Cezar Migliorin, de que uma pedagogia “é necessariamente uma construção individual e coletiva, que trabalha as possibilidades pessoais dos indivíduos e seus engajamentos com a comunidade, com a diferença, com a alteridade” (2015, p. 181), e também de uma apropriação da noção de partilha do sensível segundo Jacques Rancière (2005), que nos permite pensar, a partir da ideia de um “comum compartilhado”, na potência do cinema, no nível da sua fruição e também da produção, na constituição de experiências sensíveis de ordem ao mesmo tempo ética, estética e política.

## **2. SOBRE A CRIAÇÃO DO *CINE DIVERSIDADE***

A criação do projeto *Cine Diversidade* se deu em 2015 e partir de uma parceria entre o curso de Jornalismo e o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas da ULBRA (NEABI), formado em 2014, integrado ao projeto institucional de fomentar e articular

---

<sup>4</sup> O texto diz que o direito à diferença “busca garantir que, em nome da igualdade, não se desconsiderem as diferenças culturais, de cor/raça/etnia, gênero, idade, orientação sexual, entre outras. Em decorrência, espera-se que a escola esteja atenta a essas diferenças, a fim de que em torno delas não se construam mecanismos de exclusão que impossibilitem a concretização do direito à educação, que é um direito de todos.” (BRASIL, 2013, p. 105).

atividades de ensino, extensão e pesquisa sobre a história e a cultura afro-brasileira e indígena. O NEABI conta com duas linhas de atuação: História, Patrimônio Cultural e Identidades e Mídia e Culturas Contemporâneas (o projeto se vincula a esta última).

O *Cine Diversidade* se desdobra em duas frentes: 1) *Cineclube nas escolas* e 2) *Registros sobre direitos humanos e diversidade nas escolas*. Executado por professoras do curso de Jornalismo da ULBRA em parceria com o Colégio Estadual Miguel Lampert e as Escolas Estaduais de Ensino Fundamental Vicente Freire e Vasco da Gama, todas em Canoas, o projeto conta com um cineclube que promove sessões semanais de filmes brasileiros nas escolas - a frente 1 - e também com uma formação teórico-prática em audiovisual, centrada no cinema documentário, oferecida gratuitamente na ULBRA a um grupo de 30 alunos dos anos finais do ensino fundamental das mesmas escolas (que são participantes voluntários) – a frente 2. Também participam, na condição de bolsistas e voluntários, sete alunos de Jornalismo da universidade.

Ambas as atividades têm como temas transversais os direitos humanos e a diversidade e promovem a abordagem destes assuntos por meio do cinema, a partir da instrumentalização dos alunos para a realização de documentários e também da formação de repertório que valoriza o cinema nacional com filmes contemporâneos que abordam questões étnico-raciais, violência, gênero, sexualidade e intolerância religiosa, entre outros temas. As Diretrizes Curriculares Nacionais consideram que a adoção de uma perspectiva multicultural em relação aos currículos escolares contribui para uma sociedade mais democrática e solidária:

Entende-se que os conhecimentos comuns do currículo criam a possibilidade de dar voz a diferentes grupos como os negros, indígenas, mulheres, crianças e adolescentes, homossexuais, pessoas com deficiência. Mais ainda: o conhecimento de valores, crenças, modos de vida de grupos sobre os quais os currículos se calaram durante uma centena de anos sob o manto da igualdade formal propicia desenvolver empatia e respeito pelo outro, pelo que é diferente de nós, pelos alunos na sua diversidade étnica, regional, social, individual e grupal, e leva a conhecer as razões dos conflitos que se escondem por trás dos preconceitos e discriminações que alimentam as desigualdades sociais, étnico-raciais, de gênero e diversidade sexual, das pessoas com deficiência e outras, assim como os processos de dominação que têm, historicamente, reservado a poucos o direito de aprender, que é de todos. (BRASIL, 2013, p. 115)

O projeto propõe, assim, trocas de vários níveis entre a universidade e a comunidade em que está inserida, valorizando as relações entre diversos atores (alunos das escolas e da

universidade, professores das escolas e da universidade e comunidade universitária que vivencia atividades do projeto abertas ao público). A proposta tem caráter comunitário e se baseia, em linhas gerais, na análise e produção de conteúdos midiáticos – filmes – que permitem a todos os envolvidos pensar o mundo que os cerca por meio das imagens.

### **3. PENSANDO E INVENTANDO MUNDOS COM O CINEMA NA ESCOLA**

O *Cine Diversidade* pensa o cinema como uma via de contato com a alteridade por meio de experiências diversas. As obras, portanto, são problematizadas em seus aspectos estéticos e narrativos como forma de estimular o debate entre os estudantes e a formação audiovisual. O projeto começou com duas escolas parceiras (E.E.E.F. Vicente Freire e Vasco da Gama), com uma turma de 15 alunos que participaram em 2015 das atividades realizadas na ULBRA (a frente 1 - formação teórico-prática em audiovisual). Em 2016, o *Cine Diversidade* expandiu-se, incorporou o cineclube, passou a ter mais uma escola agregada (Colégio Estadual Miguel Lampert) e atualmente conta com 30 participantes das três instituições de ensino que recebem a formação, além de um público em torno de 25 alunos a cada sessão promovida pelo cineclube nas escolas.

#### **3.1. CINECLUBE NAS ESCOLAS**

O principal objetivo do *Cineclube nas escolas* é a exibição de filmes brasileiros, sobretudo documentários, com temáticas relacionadas aos direitos humanos e diversidade para alunos das séries finais do ensino fundamental – 6º ao 9º ano. A atividade é coordenada pela professora Ana Maria Acker, responsável pela curadoria do cineclube, pelo agendamento das sessões e pela mediação dos debates posteriores aos filmes.

O uso do cinema na educação tem se mostrado um instrumento pedagógico importante diante das transformações tecnológicas e da disseminação das imagens como aspecto inevitável da experiência dos indivíduos no mundo nas últimas décadas. Segundo Marília Franco (2010), é importante que o cinema seja experimentado como parte do cotidiano escolar, e não apenas como ilustração de temas ou conteúdos específicos. Além disso, pode estimular trocas, possibilidades de pensamento diversas e a criatividade por meio da linguagem artística:

A linguagem científica tem perfil analítico, descritivo, minucioso, metódico, de rigoroso vínculo com o real, procurando responder às suas demandas. Tem como finalidade mobilizar as nossas competências cognitivas de racionalidade. A linguagem artística, por outro lado, é, em todas as formas de expressão estética, uma linguagem de síntese, que resume, que reconfigura, que desconfigura, que mais indaga do que responde, que dialoga com o sonho, o devaneio e a incerteza. Busca, seja nas formas mais tradicionais como nas mais experimentais, mobilizar nossa percepção, sensibilidade e adesão afetiva, emocional, intuitiva (FRANCO, 2010, p. 12).

Desta forma, o uso sistemático do cinema em sala de aula é parte efetiva do processo cognitivo dos alunos. Os bens simbólicos gerados pela cultura midiática são responsáveis por mediar, em certos aspectos, a relação das pessoas com o meio em que vivem. Assim, discutir questões relevantes e atuais através de filmes é uma ferramenta que pode ser cada vez mais explorada pela educação em todos os níveis.

A frente *Cineclube nas escolas* propõe, então, instrumentalizar alunos e professores de Canoas para a análise de produtos midiáticos, bem como fomentar o pensamento sobre o papel dos bens simbólicos na discussão das representações produzidas pela cultura popular massiva. Uma lista prévia de filmes foi apresentada às escolas participantes do projeto, que aprovaram as sugestões e reforçaram a necessidade de estímulo ao pensamento crítico nos alunos. Entre os filmes que vêm sendo e ainda serão exibidos ao longo de 2016 estão: *Santo Forte* (Eduardo Coutinho, 1999); *Ônibus 174* (José Padilha, 2002); *Prisioneiro da grade de ferro* (Paulo Sacramento, 2003); *Vocação do Poder* (Eduardo Escorel e José Joffily, 2005); *Pro dia nascer feliz* (João Jardim, 2006); *Serras da desordem* (Andrea Tonacci, 2006); *Juízo* (Maria Augusta Ramos, 2007); *Lixo Extraordinário* (Lucy Walker e Karen Harley, 2010), *Doméstica* (Gabriel Mascaro, 2012), *Arquitetos do poder* (2010), de Vicente Ferraz, entre outros.

Em um primeiro momento, os filmes foram exibidos integralmente às turmas, seguidos por debate. As questões se aprofundaram a respeito da temática abordada; detalhes e dúvidas sobre as narrativas surgiram, bem como indagações de cunho estético, sobre o uso da câmera, por exemplo. É importante ressaltar que, mesmo pouco habituados aos documentários, os estudantes mostram-se instigados pelas produções – não houve caso de desinteresse durante as exibições, ou de alunos se retirando da sala de vídeo.

**Imagem 1** – Professora Ana Acker media debate posterior a sessão na Escola Vasco da Gama



Crédito: Julia Renz

A única alteração no formato ocorreu na divisão dos filmes, que passaram a ser divididos em duas partes. Assim, uma mesma turma fica envolvida com a obra por duas semanas. Uma parte é apresentada, faz-se um debate inicial; e na semana seguinte, a sessão é finalizada com o fechamento do debate. Desde que essa organização começou, identificou-se que os alunos interagem mais com os filmes, trazem mais questões a respeito e conseguem compreender a obra numa dimensão artística, social e política. Por meio da abordagem dos direitos humanos, consegue-se, além do conhecimento, experimentar o contato com o outro:

Ela, a alteridade, nos ajuda a nos vermos no outro, a compreender as semelhanças e a aceitar as diferenças. Ela é o fundamento da convivência, da colaboração, da capacidade de construir coletivamente. Desenvolver a noção que ela nos oferece é um desejo teórico de todos, mas também uma prática revolucionária depois de, pelo menos, um século de exercício estimulado por competitividade e individualismo, de que não estão imunes os modelos escolares ainda em execução no país (FRANCO, 2010, p. 15).

Esse encontro com o outro não é apenas uma possibilidade de conhecimento, de saber sobre esse outro, mas de viver uma experiência em relação a ele, conforme salienta Cezar Migliorin:

O cinema não se encontra na escola para ensinar algo a quem não sabe, mas para inventar espaços de compartilhamento e invenção coletiva, colocando diversas idades e vivências diante das potências sensíveis de um filme. Digamos assim: a democracia é o acontecimento que provoca o encontro não organizado de diversas inteligências, uma ação em si emancipatória (MIGLIORIN, 2010, p. 5).

Ainda conforme Migliorin o audiovisual precisa desestabilizar, gerar o incômodo em certos momentos, ser recorrente no ambiente escolar para de fato constituir uma vivência. Nesses primeiros meses de projeto, já percebemos a reação dos alunos, como nesses comentários de dois estudantes da Escola Vasco da Gama sobre o documentário *Juízo* (2007), de Maria Augusta Ramos, que mostra a situação de jovens em conflito com a lei e as condições do Instituto Padre Severino, no Rio de Janeiro, onde os menores cumprem medida socioeducativa. A aluna do 9º ano Júlia Santos dos Santos, 14 anos, opina:

Vemos coisas bem diferentes da nossa realidade. Como nesse filme agora é estranho ver isso, pois nunca aconteceu com ninguém perto de mim. É meio que um choque de realidade. Eu acho legal essa noção do que acontece. (2016)

O estudante Vitor Baladão, 16 anos, também do 9º ano, em opinião semelhante considera a visualização do filme um choque de realidade:

Tu não esperas que isso vá ocorrer com alguma pessoa ou até mesmo contigo. É bom tu saberes o que acontece, o que essas pessoas passam, de realmente entender o lado delas. Na condição que estamos, não imaginamos que isso vá acontecer conosco, termos que roubar porque não podemos comprar o leite para os filhos. É bom saber disso, porque pode ocorrer com qualquer pessoa, e saber o que se passa, como no centro de ressocialização deles, é uma coisa horrível de presenciar e ver alguém naquela situação. (2016)<sup>5</sup>

Esses relatos já dão indícios de que o olhar em relação ao outro está sendo tensionado e certas percepções têm se desestabilizado, entre elas a da complexidade do mundo e de seus desafios para além dos conteúdos tradicionais do currículo do ensino fundamental. A noção de alteridade é um passo importante na consolidação de uma

---

<sup>5</sup> Depoimentos gravados com os estudantes em junho de 2016.

educação sólida para a valorização dos direitos humanos e diversidade na sociedade brasileira.

### 3.2. REGISTROS AUDIOVISUAIS SOBRE DIREITOS HUMANOS E DIVERSIDADE NAS ESCOLAS

A outra frente do projeto *Cine Diversidade*, chamada *Registros audiovisuais sobre direitos humanos e diversidade nas escolas*, visa oferecer um curso que funciona como base para que os alunos produzam seus próprios documentários, abordando temas que se encaixem no escopo temático do projeto.

A formação que recebem ocorre em aulas semanais, realizadas nas tardes de quinta-feira, e tem duração de um ano letivo (totalizando 120 horas/aula). Os alunos que participam da formação com frequência superior a 75% das aulas são certificados no final do curso, em uma formatura simbólica em que também são exibidos os documentários resultantes do projeto. O envolvimento dos estudantes se dá de forma espontânea e não-remunerada, e até o momento o curso pôde atender a todos os que manifestaram interesse em participar da formação nas visitas de apresentação do projeto e prospecção de alunos que foram feitas nas três escolas parceiras.

As atividades são realizadas nas dependências do curso de Jornalismo da ULBRA, especialmente nos laboratórios do Núcleo de Produção Audiovisual da universidade (nos estúdios de televisão, fotografia e som e nas ilhas de edição de vídeo). As aulas, de cunho teórico-prático, são ministradas pela professora Gabriela Almeida. Após uma formação inicial em linguagem e estética do audiovisual, o grupo passa à prática, com a realização de exercícios de fotografia, escrita de roteiros curtos e gravação de cenas; noções de direção, enquadramentos e movimentos de câmera; captação de som e edição de vídeo.

Em paralelo, as questões relativas aos direitos humanos e à diversidade são abordadas principalmente no trabalho de formação de repertório em cinema documentário, baseado Freire (2012) e Lins e Mesquita (2008) e centrado na produção brasileira. A exibição e discussão de um extenso conjunto de filmes ao longo das aulas, permitem problematizar assuntos como racismo, violência de gênero, a condição da mulher, homofobia, migrações e religião.



**Imagem 2** – Atividades práticas realizadas pelos participantes do *Cine Diversidade* em 2015



Crédito: Augusto Bozzetti

A título de exemplo, mencionamos *Doméstica* (2012), de Gabriel Mascaro, documentário montado com imagens e entrevistas inteiramente produzidas por adolescentes de sete diferentes famílias residentes em diversas capitais, que filmaram as empregadas domésticas que trabalham em suas casas e repassaram o material bruto ao cineasta. O debate em torno do filme se alongou por duas semanas e promoveu nos alunos uma sensibilização sobre aspectos relativos à condição da mulher negra no Brasil no presente.

Em 2015, o trabalho conjunto de formação de repertório, debates e exercícios práticos possibilitou que, no segundo semestre, os estudantes propusessem a realização de documentários sobre a violência contra a mulher, homofobia e *haters* na internet. Optou-se pela produção de um vídeo sobre violência contra a mulher, sugerido por uma jovem de 15 anos, Júlia Arrieche (aluna da escola Vicente Freire), que será detalhado a seguir. A própria estudante ficou responsável pela pesquisa de personagens, pelo agendamento das entrevistas necessárias à realização do documentário e pela montagem do material, sob supervisão de professores e monitores envolvidos no projeto.

Parte da inspiração para execução de ambas as frentes do *Cine Diversidade* vem da experiência *Inventar com a diferença*, projeto de abrangência muito maior porém com propósito semelhante, desenvolvido ao longo de dois anos, entre 2013 e 2015, com 3 mil alunos de 234 escolas brasileiras. Dele resulta o livro *Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá* (2015), escrito por Cezar Migliorin, coordenador do projeto, que se propôs a pensar politicamente o encontro entre cinema e educação. O autor convida:

Pensemos em uma pedagogia não como uma forma de ensinar, mas como uma relação entre múltiplos atores em que a constituição de sujeitos e comunidades está em questão. Como reiterou Dewey tantas vezes, a educação não é preparação para a vida, mas a vida mesmo (DEWEY: 2004). O que não é diferente das questões ligadas aos direitos humanos. Certa vez um colega nos disse: “Com esse projeto é a primeira vez que os estudantes estão tendo contato com os direitos humanos”. Profundo engano. Desde que nasceram estão tendo contato com os direitos humanos, com a vida – os direitos humanos são transversais a tudo (MIGLIORIN, 2015, p. 181).

É possível pensar também na potência do cinema como instrumento de contato com a diferença e a alteridade nas escolas a partir da noção formulada por Jacques Rancière de partilha do sensível, que diz respeito ao “sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um *comum* e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas” (RANCIÈRE, 2005, p. 15). Para o autor, é fundamental considerar como os indivíduos tomam parte nesta partilha de um “comum compartilhado”, uma vez que há sempre uma forma de partilha, anterior a este “tomar parte”, que determina mesmo os que tomam parte e de que modo. Ou seja, as condições de acesso ao sensível não são universais e existem mecanismos que definem o que Rancière chama de competências e incompetências para o comum: “A política ocupa-se do que se vê e do que se pode dizer sobre o que é visto, de quem tem competência para ver e qualidade para dizer, das propriedades do espaço e dos possíveis do tempo” (RANCIÈRE, 2005, p. 16).

No caso do *Cine Diversidade*, isso diz respeito à possibilidade dos alunos de ocuparem um outro lugar na partilha do sensível – aqui, especificamente, a produção de bens simbólicos – a partir do momento em que passam a ser produtores de discursos e inventam mundos com o cinema, vivenciando experiências que se constituem, ao mesmo tempo, como éticas, estéticas e políticas e que convocam a alteridade de diversas maneiras: na maneira de lidar com o outro, de ouvi-lo, de representá-lo. É possível pensar no cinema

como mecanismo capaz não apenas de sensibilizar mas também emancipar, para convocar outro conceito do próprio Rancière (2012)<sup>6</sup>?

#### 4. ALGUNS RESULTADOS

O projeto proporcionou a instrumentalização dos alunos participantes para a análise e realização de produtos audiovisuais, além de incentivar o exercício de um olhar crítico em relação aos conteúdos midiáticos, de forma mais ampla, e a sua sensibilização quanto a questões relativas aos direitos humanos e à diversidade. Este resultado se estende também aos estudantes de Jornalismo da universidade que participam do projeto na condição de bolsistas e voluntários.

O documentário produzido em 2015 durante a formação oferecida pela frente *Registros audiovisuais sobre direitos humanos e diversidade nas escolas* foi intitulado *Sempre alerta para a violência contra a mulher*, tem 18 minutos de duração em sua versão final e reúne depoimentos de uma adolescente de 16 anos vítima de violência física, psicológica, sexual e moral por parte de um ex-namorado, uma assistente social que trabalha no atendimento a mulheres vítimas de violência e da própria realizadora, que expõe suas motivações para a realização do vídeo. O título remete ao lema dos Escoteiros, grupo do qual a realizadora faz parte e, segundo seus relatos, no qual são constantes manifestações de machismo e assédio às meninas. A constatação deste cenário foi o que motivou a realização do documentário (a aluna não relata casos de violência de gênero contra si mesma ou alguém de sua família).

---

<sup>6</sup> Para Rancière, a emancipação “começa quando se questiona a oposição entre olhar e agir, quando se compreende que as evidências que assim estruturam as relações do dizer, do ver e do fazer pertencem à estrutura de dominação e sujeição” (2012, p. 17).

**Imagem 3** – *Frame* do documentário *Sempre alerta para a violência contra a mulher*



Fonte: impressão de tela do documentário

Como atividades complementares ao projeto *Cine Diversidade* em 2015 e em comemoração ao mês da Consciência Negra, foram realizados dois eventos de extensão gratuitos abertos à comunidade da ULBRA e também ao público externo: o Curso de Extensão em Cinemas Africanos e a Mostra Cinemas Africanos, promovidos em novembro. O curso teve carga horária total de seis horas e foi ministrado em duas noites por Pedro Henrique Gomes, jornalista, crítico de cinema e pesquisador dos cinemas produzidos em África. O público de cerca de 100 pessoas foi composto por alunos e professores dos cursos de Comunicação Social da ULBRA, os estudantes atendidos do projeto de extensão, professores das escolas e participantes externos, oriundos de diversos municípios da região metropolitana de Porto Alegre, como Canoas, São Leopoldo, Novo Hamburgo, Guaíba, Cachoeirinha, Alvorada, Esteio, Montenegro, Gravataí, Viamão e Nova Santa Rita.

Já a mostra foi realizada ao longo de uma semana de novembro com a exibição de cinco filmes produzidos em diferentes décadas e países africanos (*A Negra de...*, Ousmane Sembéne, Senegal, 1966; *A Viagem da Hiena*, Djibril Diop Mambety, Senegal, 1973; *A Luz*, Souleymane Cissé, Mali, 1987; *Yaaba*, Idrissa Ouedraogo, Burkina Faso, 1989; *Na cidade vazia*, Maria Joao Ganga, Angola, 2004. A curadoria foi feita também por Pedro Henrique Gomes e as sessões de exibição dos filmes foram sucedidas por um debate a cada

noite, com críticos de cinema e pesquisadores africanistas, que discutiram as obras a partir de seus aspectos estéticos e temáticos, totalizando dez debatedores convidados.

Em 2016, o *Cine Diversidade* promoveu no primeiro semestre a exibição do filme *Hoje eu quero voltar sozinho* (Daniel Ribeiro, 2014) em sessão aberta ao público na ULBRA, no mês de maio, como parte das atividades da Semana da Acessibilidade promovida pela universidade. O filme escolhido permitiu discutir tanto o preconceito enfrentando por pessoas com deficiência que muitas vezes são percebidas como incapazes até pela sua própria família (como é o caso do protagonista do filme, um menino adolescente cego), quando o preconceito em relação à orientação sexual e a homofobia.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As duas frentes de atuação do projeto *Cine Diversidade* corroboram o entendimento do cinema como instrumento pedagógico agregador no exercício de uma educação permanente para os Direitos Humanos e a diversidade. O reconhecimento da alteridade por meio da experiência sensível com o audiovisual constitui-se ponto importante na construção de uma relação com o outro e o mundo que se entrelace com as demais temáticas trabalhadas em sala de aula nas disciplinas.

Ver imagens diferentes das habituais no cotidiano dos alunos tem auxiliado no aprendizado de narrativas e propostas estéticas audiovisuais diversas, instigantes. Essas atividades já alcançam uma expansão do repertório dos estudantes, conforme identificado nos dois depoimentos expostos neste artigo.

Tal repertório se transforma ainda mais efetivamente na manipulação de equipamentos tecnológicos e *softwares* de edição nas oficinas de audiovisual. As produções assistidas em sala de aula é ressignificado e inspirador na realização de exercícios práticos, ou seja um projeto complementa o outro.

Além dessas práticas, o *Cine Diversidade* estabelece um elo entre a universidade e a comunidade que a cerca, levando os alunos de graduação para um contato com instituições de ensino, fazendo-os reconhecer a dimensão cidadã e a necessidade de compartilhamento do que é estudado no curso de Jornalismo. Em caminho parecido, os professores dessas escolas têm a oportunidade de se aprofundar em estratégias variadas de trato com o audiovisual em sala de aula, encarando-o como uma vivência pedagógica que pode se desenvolver em diversas frentes em todas as áreas do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>. Acesso em 13/06/16.

FRANCO, Marília. Hipótese-cinema: Múltiplos diálogos. Revista Contemporânea de Educação, v. 5, n. 9, Rio de Janeiro: UFRJ 2010. Disponível em: [http://www.educacao.ufrj.br/artigos/n9/2\\_hipotese\\_cinema\\_e\\_seus\\_multiplos\\_dialogos\\_8\\_a\\_3.pdf](http://www.educacao.ufrj.br/artigos/n9/2_hipotese_cinema_e_seus_multiplos_dialogos_8_a_3.pdf) (Acesso em 05/06/2016).

FREIRE, Marcius. Documentário: ética, estética e formas de representação. São Paulo: Annablume, 2012.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. Filmar o real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo. Rio de Janeiro: Zahar, 2008

MIGLIORIN, Cezar. Cinema e Escola, sob o risco da Democracia. Revista Contemporânea de Educação, v. 5, n. 9, Rio de Janeiro: UFRJ 2010. Disponível em: [http://www.fe.ufrj.br/artigos/n9/9\\_posfacio\\_cinema\\_e\\_escola\\_104\\_a\\_110.pdf](http://www.fe.ufrj.br/artigos/n9/9_posfacio_cinema_e_escola_104_a_110.pdf). Acesso em 05/06/16.

MIGLIORIN, Cezar. Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2015.

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. O espectador emancipado. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.